

# Cesário Verde – Meridional

Cabelos

Ó vagas de cabelo esparsas longamente,  
Que sois o vasto espelho onde eu me vou mirar,  
E tendes o cristal dum lago refulgente  
E a rude escuridão dum largo e negro mar;

Cabelos torrenciais daquela que me enleva,  
Deixai-me mergulhar as mãos e os braços nus  
No báratro febril da vossa grande treva,  
Que tem cintilações e meigos céus de luz.

Deixai-me navegar, morosamente, a remos,  
Quando ele estiver brando e livre de tufões,  
E, ao plácido luar, ó vagas, marulhemos  
E enchamos de harmonia as amplas solidões.

Deixai-me naufragar no cimo dos cachopos  
Ocultos nesse abismo ebânico e tão bom  
Como um licor renano a fermentar nos copos,  
Abismo que se espraia em rendas de Alençon!

E, ó mágica mulher, ó minha Inigualável,  
Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,  
E os pisas desdenhosa, altiva, imperturbável,  
Entre o rumor banal dos hinos triunfais;

Consente que eu aspire esse perfume raro,  
Que exalas da cabeça erguida com fulgor,  
Perfume que estonteia um milionário avaro  
E faz morrer de febre um louco sonhador.

Eu sei que tu possuis balsâmicos desejos,  
E vais na direção constante do querer,  
Mas ouço, ao ver-te andar, melódicos harpejos,  
Que fazem mansamente amar e enlanguescer.

E a tua cabeleira, errante pelas costas,  
Suponho que te serve, em noites de verão,  
De flácido espaldar aonde te recostas  
Se sentes o abandono e a morna prostração.

E ela há-de, ela há-de, um dia, em turbilhões insanos  
Nos rolos envolver-me e armar-me do vigor  
Que antigamente deu, nos circos dos Romanos,  
Um óleo para ungir o corpo ao gladiador.

.....  
.....

Ó mantos de veludo esplêndido e sombrio,  
Na vossa vastidão posso talvez morrer!  
Mas vinde-me aquecer, que eu tenho muito frio  
E quero asfixiar-me em ondas de prazer.

**Cesário Verde, Livro de Cesário Verde**